

Boletim ADN Associação Domus Nostra

Nesta Edição:

Editorial	2
Festa 40 Anos	4
A caminho da ADN	7
Reviver a Domus	8
Breve Nota=Aconteceu	8
Domus Nostra 20 anos depois	9
Almoço de Algarvias	10
Silêncio	11
Os novos membros da "família"	12
Recordas-te, Binha?...	13
Na nossa infância	14
Domus no século XXI	16
Dura praxis sed praxis	19
Ficha de Inscrição	20



Nº 1, Ano 1

Julho 2006

Criação da ADN

Grande motivo de orgulho é a criação da Associação das Antigas Residentes Domus Nostra—ADN! É com prazer que vos damos a conhecer um pouco deste projecto que temos vindo a desenvolver com a ajuda de várias antigas residentes e que esperamos que seja acolhido com entusiasmo por todas vós!

Próximo encontro ADN

Já tem data!

Vai ser já no dia 21 de Abril de 2007, na Domus Nostra.

Contamos consigo para este primeiro encontro da ADN!

Site Domus Nostra

Foi colocado *on-line* o *site* da Domus. Dê uma vista de olhos em

<http://www.domusnostra.net>

Comentários e sugestões serão bem vindos! (domusnostra@gmail.com)

40 Anos Domus Nostra

A Domus já fez 40 anos! Foi este ano e houve festa! Veja os detalhes desta comemoração que contou com a presença de muitas das antigas residentes.

Ficha de Inscrição ADN

Nesta edição pode encontrar também uma ficha de inscrição que pode preencher com os seus dados e enviar para a Domus e começar a fazer parte da nossa Associação!

Contactos de antigas residentes

Se conhece antigas residentes que não tenham recebido esta publicação, envie-lhes uma cópia da ficha de inscrição para que possamos actualizar a nossa base de dados!

Editorial

Este é o número **UM** do BOLETIM DA ADN.

Durante um longo e acidentado percurso, sonhámos em constituirmo-nos como Associação:
Associação das Antigas Residentes da Residência Universitária Domus Nostra.

Várias foram as tentativas para erigir o projecto, muitas foram as residentes envolvidas, grande foi o dinamismo das Irmãs da Comunidade Filhas do Coração de Maria, ousado foi o sonho que acalentámos.

Este é um passo importante na concretização desse sonho. Tal como detalhadamente vos damos conta nas restantes páginas deste boletim, fizemos a apresentação pública da ADN, na **Festa dos 40 anos da DOMUS NOSTRA**. Todavia, como sabemos que nem todas tomaram conhecimento do encontro e sentimos que muitas não puderam comparecer, pensámos em relatar-vos todas as novidades.

O que nos moveu? O que despoletou estes encontros? O que nos animou?

Ao reflectir sobre esta caminhada, permitam-nos que vos confidenciemos: reunimo-nos essencialmente inflamadas por um espírito de **FIDELIDADE**. Sim, bem o sabemos, na sociedade contemporânea que cultiva o ter em detrimento do ser, o poder e o prazer, o culto da facilidade e a permissividade como normas, o individualismo como padrão de conduta, ficamos muito condicionados e esquecemo-nos de quão difícil e exigente é "sermos fiéis". Fiéis à comunidade Domus Nostra onde vivemos, fiéis às amigas que connosco partilharam momentos inolvidáveis, fiéis ao espírito universitário que decerto muito nos enriqueceu.

E a fidelidade - que aqui invocamos e defendemos - pressupõe que não olvidemos esse tempo tão importante nas nossas vidas. A fidelidade exige que neste mundo repleto de relações efémeras, provisórias e descartáveis, recordemos e acalentemos as amizades antigas, verdadeiras e autênticas que construímos, na nossa Residência DOMUS NOSTRA.

Tal como Vinicius de Moraes tão bem escreveu:

SONETO DA FIDELIDADE

*De tudo, meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.
Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.
E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama
Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.*

Editorial (cont.)

Propomo-nos manter vivo este espírito.

A edição regular de um boletim, em que pudéssemos dar testemunho das actividades da Residência Domus Nostra, dos encontros e das comemorações da Associação de Antigas Residentes requer fé, esforço e cometimento excepcionais. Fé não apenas das que contribuem para este projecto mas, também, das incansáveis colaboradoras que quiseram connosco partilhar as suas experiências e da Comunidade Religiosa que apoia as iniciativas e que aposta igualmente nesta publicação.

Queremos, pois, expressar a nossa infinita gratidão a todas as colaboradoras, e a todos as Antigas Residentes que acreditam que a Fidelidade é um dos valores que devemos cultivar.

E porque há coragem, sonho, amor, vontade de partilha, cumplicidades, encantamentos, criámos este Boletim que se deseja como espaço de notícia e de partilha da comunidade que vive e sente o espírito da Domus Nostra.

Então, convidamo-vos a:

- Sonhar com novas formas de nos congregarmos e assim rearmos laços de amizade
- Partilhar connosco as vossas experiências, dar-nos conta daquelas amigas que perdemos de vista já há longos anos, ajudar-nos a actualizar o nosso ficheiro de Antigas Residentes.
- Dar testemunho da importância da Domus Nostra nas vossas vidas
- Participar desta alegria que enche os nossos encontros na Residência remodelada (já a visitaram depois das grandes obras???)
- Comprometerem-se, ensaiando formas de romper a solidão e o(s) afastamento(s) temporal e/ou espacial, ousando, com uma presença continuada, ajudar a construir a ADN.

E porque escrever é um acto de solidão e, ao invés, publicar é sempre um acto de coragem e ousadia, aqui fica a nossa sentida gratidão a todas as que tornaram possível este sonho.

Isabel Roboredo Seara

Direcção ADN

Festa dos 40 anos Domus Nostra

"Deitou-se a semente à terra".

Os convites surgiam timidamente: primeiro por telefone, depois por mensagem electrónica, os últimos, sintéticos mas desafiadores, confirmando a adesão da Eva às tecnologias, já chegavam por SMS: "Reunião DOMUS NOSTRA: preparar festa; Reunião de trabalho c/ou s/ jantar. Cfm, s.f.f. Bjs"

Era o toque de chamada!

As reuniões da equipa que concretizou o projecto **ADN** (Associação das Antigas Residentes da Residência Universitária Domus Nostra) e que preparou em detalhe a festa dos 40 anos foram inúmeras, muito participadas e sempre muito animadas. Aceitámos, sempre que a azáfama profissional no-lo permitia, o convite para jantar na Residência e, assim, pudemos recordar o ritual do tabuleiro, o bacalhau com natas da Angelina, a insistência da Tina que, à sobremesa, nos tentava gulosamente com o "espera-maridos". A novidade, muito apreciada, sobretudo pelas quarentonas cambaleantes de sono, é a moderna máquina de café que disponibiliza aquela energia de que necessitávamos para, nos longos serões, lançar ideias, delinear projectos, impor prazos, organizar e distribuir tarefas, imperiosas para o sucesso do evento. Descíamos, então, à acolhedora sala de reuniões na cave e, assim, preparámos a grande festa dos 40 anos da DOMUS NOSTRA.

"E a semente desabrochou" 1 de Outubro de 2005

E o grande dia chegou!

É sempre com imensa emoção que revemos as amigas com quem partilhámos o quotidiano da nossa vida universitária e, especialmente, a vida na Residência.

Desta vez, a equipa de acolhimento vestia as *t-shirts* que produzimos para o evento. Simultaneamente, o filme, projectado no *hall* de entrada, ajudava a reviver o historial de algumas gerações que aqui viveram. Nem sempre nos reconhecíamos, o que provocou genuínas e sonoras gargalhadas.



Festa dos 40 anos Domus Nostra (cont.)

"E o adubo, fortificou-a."

Por volta do meio-dia, cumprindo o programa que tinha sido previamente divulgado, seguiu-se a Santa Missa, na nossa capela.

Foram momentos muito intensos.

O coro esteve à altura do de uma catedral, o Senhor Padre João fez uma tocante e profunda homilia, tendo lido um trecho poético (que junto divulgamos) que nos enterneceram. Os momentos da oração dos fiéis e da acção de graças foram detalhadamente preparados, conferindo à Eucaristia a dignidade de um dia de festa e de gratidão. A oração de acção de graças foi cantada por um antiga residente que entoou, numa prece cantada, um fado à Virgem, e emocionadamente transmitiu o sentimento da comunidade presente, vivendo-se, assim, um momento singular de recolhimento e de fé.



A bola...

A vida é como atirar uma bola à parede.

Se atirmos uma bola azul, ela voltará azul.

Se atirmos uma bola verde, ela voltará verde.

Se atirmos uma bola sem vigor, ela voltará fraca.

Se a bola for atirada com força, ela voltará com força.

Por isso, nunca "atires uma bola na vida" se não estiveres pronto a recebê-la.

A vida não dá nem empresta, não se comove nem se apieda.

Tudo quanto ela faz é retribuir e transferir aquilo que nós lhe oferecemos.

Albert Einstein

"E, para não secar, foi necessário regar a terra."

O almoço que se seguiu estava delicioso. Algumas, de entre nós, decerto não tiveram oportunidade de apreciar o opíparo repasto, pois a ânsia de abraçar e rever velhas amigas impunha-se como prioritária.

Obrigada, muito obrigada, a todas as que esforçadamente o prepararam.

"E a flor desabrochou."

No final do almoço, fomos convidadas a visitar o jardim. Justamente, aquele espaço, ignorado e inexplorado, a que nunca prestáramos grande atenção, transformara-se num verdejante, bem cuidado e acolhedor jardim, muito convidativo a momentos de reflexão e, mesmo, de lazer.

Ali aproveitámos para tirar fotos de conjunto, com as colaboradoras que prepararam, de forma incansável, todos os pormenores da festa, com a Irmãs da Comunidade Religiosa que gentilmente se associaram e onde nem sequer faltaram os sorrisos doces e traquinas de algumas crianças, filhas de antigas residentes.

Festa dos 40 anos Domus Nostra (cont.)

"E da flor se fez fruto."

Seguiu-se, então, o momento solene da apresentação da ADN. Partilhámos o sonho: explicámos o projecto, anunciámos os estatutos, revelámos os órgãos constitutivos, partilhámos o sonho que acalentámos.

Foi fantástica a adesão. Todas se atropelaram para fazer a inscrição, preencher a ficha, pagar a quota, actualizar os contactos.

Sentimos, intimamente, que a semente frutificara. Com a graça de Deus.

Muitas amigas ainda tiveram tempo para aderir às recordações da Domus e puderam comprar as *T-shirts*, as canetas ou os *pins*, símbolos da amizade e da proximidade. E com os seus contributos, com as suas dádivas, alicerçaram ainda mais o espírito Domus Nostra.

"E colhemos em abundância."

A natureza renova-se. Do mesmo modo, a vida perpetua-se na Domus Nostra. Este ano, entraram duas residentes, caloiras, filhas de antigas residentes da década de 80.

É esta renovação permanente que queremos agradecer e ajudar a perpetuar.

É este o nosso desafio. Um desafio de esperança, convidando todas as antigas residentes a revitalizar estes laços de amizade, a responder com criatividade e de forma generosa ao nosso repto e a integrar, com dinamismo, esta associação irresistível que é a ADN.

Sem a nostalgia das despedidas, reiterámos, nesta festa, o desafio de que vos falávamos no editorial: o desafio da fidelidade.

Com amizade,

Isabel Roboredo Seara



A caminho da ADN

02/02/2006 – Realiza-se a escritura da ADN – Associação das Antigas Residentes da Residência Universitária Domus Nostra, criada com a finalidade de estabelecer e reforçar os laços de solidariedade e convivência entre as antigas estudantes do Domus.

Foi longo o caminho até à ADN! Desde 24/04/2002, data do primeiro encontro desta fase (sim, porque numa fase anterior já tinha havido uma tentativa de criar a associação), reunimo-nos treze vezes (cinco em 2002 e oito em 2005), com um interregno de dois anos (2003 e 2004), correspondendo ao período em que se realizaram as obras no Domus. Esta paragem foi também tempo de “tomar balanço” para



arrancar em 2005, com energia e determinação renovadas, rumo à criação da nossa associação. E tal só foi possível graças à dedicação e esforço de muita gente, sendo de realçar que, só pelas reuniões, passaram cerca de vinte ex-residentes e residentes do Domus. Mas foi possível, sobretudo, pela vontade e persistência de quem esteve sempre à cabeça, a convocar-nos e a tudo organizar, de uma maneira especial as nossas queridas Eva e Joana, que foram incansáveis!

Enfim, como dizia o poeta “Chegamos? Não chegamos? Haja ou não haja frutos, pelo sonho é que vamos”⁽¹⁾.

Sonhámos, trabalhámos e hoje temos a alegria de vos apresentar a ADN, na esperança de que seja uma associação capaz de ir ao encontro das aspirações de todas as suas associadas (presentes e futuras)!

Concluiu-se uma etapa, está aberto um caminho, que se espera longo e bem sucedido e que, como tal, exige que se continue a sonhar e a trabalhar, a manter viva a chama de um projecto com que todas nos identifiquemos – a nossa ADN!

Isabel Sampaio da Nóvoa

Reviver a Domus

Mudam-se os tempos, as vontades não. Quisera, para a minha filha, o melhor, ao saber que entraria em Direito, em Lisboa; os pais querem sempre o melhor para os filhos, sempre assim foi, e o melhor, nessa altura, era encontrar um lar onde a Mariana se pudesse sentir como em casa, em segurança. Um espaço quente mas largo de afectos, onde só, ela se sentisse acompanhada.

Lembrei-me então do meu tempo, belos tempos, aliás, recordo ainda cada ano, cada dia. Estava na Faculdade de Letras e havia encontrado a casa que iria acolher-me numa estada irrepetível, dificilmente irei esquecê-la.

Era um tempo grande, imenso, de risos, partilhas, cumplicidades. Aprendi de cor o valor da lealdade e da amizade. Dele guardo a clara memória do que por nós passa e não volta mais; muito ficou. Muito do que sou trouxe comigo desse tempo ido. Dele dei conta, vezes sem conta à Mariana: "*Quando fores para Lisboa, vais para o Domus!*" Era a minha vontade, mas não a dela.



Voltei um dia, com ela, era Setembro. Mostrava-lhe cada espaço da casa que deixara, parecia "ontem". O tempo é outro, o património humano não. A minha vontade acabou por ser também a da Mariana. Estava feliz por isso, por ela.

A porta abre-se e há sempre alguém que do outro lado ouve, encoraja e se uma lágrima nos cai, enxuga-nos a alma; nos olha como se fôssemos únicas.

O Domus era, de facto, a nossa casa e é também a da Mariana.

Mané Ferreira

Breve nota = Aconteceu

Em Outubro de 2005, as Filhas do Coração de Maria organizámos um fim de semana, em Fátima, para casais, cujo tema era "Tempo com tempo para a família"; aquando da festa dos 40 anos do Lar houve logo 3 que declararam estar inscritas com os respectivos cônjuges e filhos. Este fim de semana foi uma experiência francamente boa e apreciada por quem participou.

Temos pena de não ter um relato em primeira pessoa das que participaram...

Será que breves tempos, como um fim de tarde ou um serão (ou mais alargados) tempos para parar, para equacionar juntas problemáticas da actualidade, poderão interessar?

Na Domus há espaço e um pouco mais longe também não será difícil.

O que eventualmente for organizado, será anunciado no site da ADN. O próximo encontro de antigas residentes, a realizar em 2007 será aí publicitado.

Aceitam-se sugestões.

Eva Santos

Domus Nostra 20 anos depois

Segunda-feira, dia 3 de Outubro de 2005...

Sensação boa, por um lado, e estranha por outro:

A Joana a entrar na "Domus" de malas e bagagens, para ficar, para encetar um novo período da sua vida, com mais autonomia, mais longe dos pais, com mais responsabilidade, criando o seu próprio projecto de vida, sem a minha presença quotidiana, sem as nossas conversas diárias (olhos nos olhos).

Tinha estado na "Domus" a festejar o aniversário da Residência, no dia anterior (domingo), com as antigas residentes, recordando vivências, alegrias e tristezas, encantos e desencantos, amores e desamores, tricas e amizades, de há 25 anos atrás...

A Joana estava no mesmo andar (4º), no mesmo quarto (401) e na mesma cama!

Misturavam-se os dois tempos vividos, enquanto residente e agora mãe de uma nova residente... esquisito... Agradável? Desagradável? Bom? Mau? A vida! A recordação, o passar do tempo, a sensação de 'déjà vu', a mudança da condição que de algum modo se transmite, se ganha, se despreza ou melhor, se selecciona, escolhe e adapta... apropriaram-se de mim sentimentos/sensações ambivalentes, de alegria e júbilo, mas também de inquietação, receio, melancolia, tristeza que fizeram rolar lágrimas pelo rosto.

Enfim, a vida continua e isso é MARAVILHOSO!!!

Mena Jacinto



Almoço de Algarvias

Caracóis.

Éramos como caracóis de casa às costas Domus acima, Domus abaixo.

Umás ainda por cima outras cá por baixo.

Somos muitas. Imensas pelo país.

Por isso a ideia de organizar um encontro de Antigas Domus Girls cá em baixo, no Sul. Começámos o ano passado. Uma tem contactos de mais três, outra de mais cinco, de mais uma, enfim, quarenta à volta da mesma mesa e uma listagem que no final do almoço tinha já setenta nomes e cinquenta e poucos contactos.

Visitam-se números de quartos, nomes, caras perdidas na memória mas vivas no coração. Vamos ao ginásio, ao refeitório, ao pão do pequeno-almoço, às tarefas da louça, aos cartazes de aniversário, às festas da família, aos vídeos, às músicas.

Com jeito foram cinco anos lá passados, para muitas, passados há mais de trinta anos, para outras foram mesmo ao virar da esquina.

Ficam as saudades do tempo passado e a alegria de o recordar. Todos os anos. A sul.

Andrea Viegas



Silêncio

Pensar em silêncio... Escutar as palavras de quem estuda o silêncio... Tudo começa com um jogo: o silêncio que sentimos, o barulho que nos cerca, as sensações que nos assolam... E a pouco e pouco vamos descobrindo a palavra, desfolhando pétala a pétala todo o mundo que invade um som que é tudo, menos vazio.

Quem tem silêncio no seu dia a dia? Quem dá espaço ao silêncio na sua vida? Quem se sente bem com o silêncio?

Um livro aberto de perguntas foi sendo folheado diante de nós... Primeiro a hesitação de responder, o receio de não dizer a palavra certa. Depois, pouco a pouco, fomos perdendo o medo de mostrar o que sentimos, de mostrar o que para nós é afinal o silêncio.



Fechar os olhos, contemplar o espaço à nossa volta. O que vemos? O que escutamos?... O mistério, a quietude, a paz, a amizade... Sensações que nos invadem e nos ensinam que há muito para lá do silêncio... um mundo de sorrisos, um mundo de calor, uma ferramenta vigorosa para espelharmos o nosso íntimo, encontrando o mais puro do nosso "Eu".

Marcel, falando da sua vida com a leveza de uma brincadeira e a profundidade de um reconhecimento, fez—nos a todos parar um pouco, alhear da agitação diária e ter a ousadia de pensar não em silêncio, mas sim no Silêncio...

Marta Contente

Nota:

Este artigo refere-se à conferência que houve na Domus no passado dia 6 de Abril, cujo tema foi "Vida é o que acontece enquanto corremos de um lado para o outro", por Marcel Steiner.

Os novos membros da “família”!

Quem não se lembra...?

Quem não se lembra de ter sido caloira?

Quem não se lembra da ansiedade da primeira noite, a expectativa das colegas de quarto?

Quem não se lembra da praxe?

Quem não se lembra das amizades aqui criadas para toda a vida?

Quem não se lembra das noitadas a estudar, ou não?

Quem não se lembra das ceias, das festas?

Quem não se lembra de no Domus ter rido, de no Domus ter chorado, de no Domus ter partilhado, de no Domus ter vivido?

Todos os anos chegam ao Domus novas residentes – caloiras, que daqui a uns anos recordarão esse primeiro dia, essa primeira noite, as colegas que partilharam o quarto, a praxe, as amizades para toda a vida, ...

Este ano o Domus acolheu 32 caloiras (uma saiu em Dezembro, uma entrou em Fevereiro e outra em Abril). Duas caloiras são filhas de antigas residentes: a Joana (filha da Mena Jacinto) e a Mariana (filha da Mané). Vamos conhecê-las.

Distribuição do número de caloiras por curso

<i>Curso</i>	<i>N.º caloiras</i>
Arquitectura	2
Biol. Molecular Genética	1
C. Educação	1
C. Farmacêuticas	1
Direito	5
Economia	1
Enfermagem	1
Engenharia Biomédica	1
Engenharia Civil	1
História	1
Medicina	6
Medicina Chinesa	1
Medicina Dentária	1
Medicina Veterinária	4
Nutricionismo	1
Pneumo-cardiologia	1
Psicologia	2
Turismo	1
	32

Distribuição do número de caloiras por distrito

<i>Distrito</i>	<i>N.º caloiras</i>
(Angola)	1
Aveiro	1
Beja	4
Braga	2
Faro	5
Funchal	1
Guarda	1
Horta	1
Leiria	1
Ponta Delgada	1
Portalegre	2
Porto	1
Santarém	6
Setúbal	2
Vila Real	2
Viseu	1
	32

E Setembro chegará em breve.

Esperamos com alegria as novas caloiras que se juntarão à nossa “família”.

Maria Joana Cordeiro
(Directora)

Recordas-te, Binha? ...

Foi com enorme consternação que recebemos a notícia do falecimento da amiga e antiga residente, Dr.^a Isabel Rafael, no pretérito mês de Outubro.

Tivemos o privilégio de conviver com a Binha na Residência Domus Nostra e aqui testemunhamos a nossa grata recordação como amiga e como excelente profissional que era, realçando a dedicação que punha naquilo que fazia e a serenidade que irradiava à sua volta. Com o seu desaparecimento prematuro, perdemos do nosso convívio uma Amiga e uma economista, dedicada e brilhante.

Recordas-te, Binha, daquele nosso passeio a Estremoz? Estávamos lindas na foto!

É com imensa mágoa que partilhamos com os pais, com os irmãos com quem sempre convivemos no Colégio Pio XII, este sentimento de vazio e saudade. Acompanho-vos com amizade e oração.



Ana Cristina Vala, Isabel Seara, Isabel Rafael e Ana Cristina Jesus

A direcção da ADN

Na nossa infância...

In memoriam de Ana Isabel Roboredo Laranjeira

A vida é feita de muitas cores e, por vezes, o cinzento escuro surpreende-nos, prega-nos umas partidas que nos deixam um vazio, uma saudade, muitas interrogações e também um desejo imenso de viver cada dia com mais verdade e com mais amor.

O texto que a seguir publicamos fala-nos da Ana Isabel Roboredo que connosco conviveu na Domus entre 79 e 85. Foi escrito pela sua prima Isabel Seara, para o Jornal de Viseu. Pela bonita e terna evocação que faz da Ana Isabel, pedi licença à Isabel para ser publicado também no nosso jornal. Muito obrigada, ou, à vossa maneira, "Bem hajam!".

Eva Santos

Na nossa infância...

In memoriam de Ana Isabel Roboredo Laranjeira



Na nossa infância, as nossas mães vestiam-nos frequentemente de igual. Os vestidinhos de favos, as *camisettes* de nervuras, eram engenhosa e repetidamente inspirados dos figurinos da moda e executados e provados pela menina Laurinda, a costureira da Meia Laranja.

Brincávamos horas infinitas com as preciosas bonecas que a Avó Mariazinha nos trazia dos afamados e caros bazares da Praça Maior de Salamanca e mimávamos, no sótão da Avó, todo o quotidiano dos adultos: e, assim, as bonecas eram baptizadas com grande pompa, iam ao salão de cabeleireiro (e, na nossa santa ingenuidade, em vão aguardávamos que lhes voltasse a crescer o cabelo que decididamente lhes cortáramos!),

tomavam religiosamente o chá (que preparávamos com a água pestilenta desviada sorrateiramente da tigela do cão) e acabávamos as tardes, promovendo os desfiles da bonecada, algumas de véu e grinalda, em cima da tábua de engomar. Que gáudio!

Na nossa infância, brincávamos lá no pátio, esmurrávamos os joelhos nas mil voltas, empoleiradas nos triciclos ou nas *trotinettes* e, quando nos atrevíamos a participar das brincadeiras dos rapazes, ou jogávamos futebol ou clamávamos pelos ciclistas de plástico que, nos *sprints*, se limitavam a obedecer, silentes, à sorte do jogo de dados.

Andávamos de patins no ringue do Parque, fazíamos mil acrobacias, dávamos grandes passeios de bicicleta que coroávamos, de forma voraz, devorando gulosamente os caramujos do Amaral, os pastéis de feijão do Santos das 4 esquinas e os Viriatos na padaria do Madeira.

E todas as estações do ano tinham os seus rituais. Na Primavera, os passeios dominicais, com almoço no hotel Vouga e lanche nos pastéis de Vouzela, às vezes com a benesse de uma voltinha no barco a remos lá nas Termas de S. Pedro.

As férias de Verão eram longas e inesquecíveis. Os malões de roupa para a Figueira da Foz justificavam-se, não só pelo clima agreste que mesmo em Agosto se fazia sentir, como, sobretudo, pela obrigatoriedade social de mudar de toilette para nos mostrarem, passeando para cima e para baixo na rua do Casino, à porta da Livraria Havaneza ou, simplesmente, ao jantar no salão do hotel.

Anos houve em que o destino de férias passou a ser as Termas de Cestona, no coração do país basco. E aí, as viagens e os passeios abriam-nos os horizontes: visitas a Bilbao, a Vitória, a Burgos e à sua imponente catedral gótica, à cosmopolita San Sebastian, o salto até Biarritz, a romagem a Loyola, para além da praia que fazíamos em Zaraus e Zumaya.

Era também o tempo das leituras e recorro a sofreguidão com que líamos todas as aventuras da Enid Blyton, as histórias da Condessa de Ségur, (estas em edições amarelecidas de há um século), os contos de Andresen e de Dickens, as narrativas de Júlio Verne e as lágrimas que chorávamos sempre que relíamos o Edmondo de Amicis.

O Outono era, porém, a nossa estação preferida. Comíamos as castanhas da quinta de Fragosela no despontar do Outono, pendurávamos os melhores cachos de uvas *rosée* nos preguinhos da adega e despedíamos-nos das férias em apoteose, na nossa feira.

Na nossa infância...

In memoriam de Ana Isabel Roboredo Laranjeira

A Feira Franca de S. Mateus ficará sempre na nossa memória como lugar de festas, de encontros, de são convívio. Voltas e revoltas no carrossel, renhidos jogos de matraquilhos ao fundinho ao pé das enguias, as deliciosas farturas na Lúcia e o passeio pelas barracas a catar o último dos sete anões em barro ou o tachinho para a cozinha das bonecas. Com que emoção assistíamos ao concurso do vestido de Chita, sorvendo a cor e a magia da transfiguração de um tecido colorido, mas bem plebeu, em pomposos e requintados trajes de festa!

E quando o frio apertava, e a neve se avistava na Estrela, os passeios seguiam rumo diferente: os almoços em Pinhanços ou em Seia, os lanches reconfortantes na Torre, de pão de centeio com queijo da Serra a escorrer e, geladas até às entranhas, as brincadeiras na neve, indiferentes aos perigos dos precipícios.

Na nossa infância, fingíamos que tocávamos, de forma exímia, no piano lá de casa e, empoleiradas em cadeirões vacilantes, cantávamos fielmente todas as letras das canções do Festival da Canção, momento maior dos serões televisivos. Com a mesma alegria contagiante nos divertíamos nas badaladas festas do Clube, pulando e dançando, na altura, ainda, ao som da orquestra no palco.

Nessa época ainda havia a maternal preocupação de as meninas saberem labores, o que nos obrigava a aprender os bordados na talentosa D. Ema que, ingloriamente porfiava em ensinar-nos crivo, *ajour*, *richelieu*, em alvos lençóis de linho, espartilhados num arco, quando nós, pouco prendadas para essas minundências femininas - ao invés da maioria das meninas - nos confinávamos ao mais primário ponto de cruz, em toscos panos de estopa, para adornar tabuleiros.

E lembras-te, querida, das missas no Carmo, dos jogos de pista e dos acampamentos nos escuteiros e do orgulho com que desfilávamos com a nossa vincada farda de Guias, na procissão do Corpo de Deus?

Hoje é, de novo, Dia de Corpo de Deus.

Hoje, porém, o gáudio deu lugar ao pesar.

Partiste... Tão jovem!

Hoje, até o tempo quis comungar desta nossa tristeza: as nuvens pesadas, de luto vestidas, choraram connosco, copiosamente, a tua partida, negando a saída da solene procissão.

Aqui recordo, com saudade, estes momentos da nossa infância e juventude que contigo tive o privilégio de partilhar. E, acredita, é isso que me faz voltar sempre a Viseu com o mesmo prazer, certa de que revivo contigo muitas destas recordações dos nossos melhores anos.

Sei que hoje, após dilatado sofrimento, partiste ao encontro do Senhor, a quem sempre foste fiel.

Queria agradecer-te as lições que discretamente sempre nos deste: o amor incondicional à família, a dedicação à exigente missão de ensinar, a boa disposição contagiante, a disponibilidade total para ajudar o próximo e, sobretudo, a força, a serenidade e a coragem com que lutaste nestes adversos e duros meses.

Sei que, no Céu, velas por nós.

Mas, porque após as trevas, o sol brilhará de novo, prometo voltar a sorrir para a vida, como tu sempre justamente nos ensinaste.

Isabel Roboredo Seara

Domus no século XXI

Incumbiram-me de escrever sobre o novo visual da Domus! Tarefa que, não sei muito bem porquê, não se tem revelado nada fácil. Tanto que estou colada ao timing último que é possível para entrega do texto, já que a edição está mesmo prestes a fechar!

Será que é porque conheço a casa, como residente, há quase 28 anos? Não, minhas amigas, o curso acabei-o em 1981, depois saí, e depois reentrei, mas para me associar à Sociedade das Filhas do Coração de Maria.

Voltemos ao objectivo primeiro: a Domus, o Domus, como quiserem, apesar das razões das linguistas, está bastante mudado. Em 40 anos de vida quanto se muda! Basta que cada uma pense no que acontece consigo... (30, 40, 50, 60, 70...) E casa sonhada, construída e animada para receber jovens universitárias...necessariamente tem de ir mudando e acompanhar as necessidades dos tempos.

Não contem que vos conte tudo... é que assim alimenta-se a esperança de virem visitar esta vossa e nossa casa. Mantém-se o edifício com os mesmos 6 andares, cave, r/ch e jardim, sito na mesma rua. O bairro tem evoluído, as tascas desapareceram, as moradias já deram lugar a prédios de vários andares, os escritórios são muitos, a habitação social não falta, a escola primária da frente conta com um grande e moderno ginnodesportivo, a lavadeira do bairro já cá não vem buscar e trazer a roupa das meninas... mas vem o rapaz da Telepizza quando alguma(s) não aprecia(m) o jantar!

Sim... eu sei, o que vos interessa é o interior.

Pois se a lavadeira já não vem é porque há uma máquina de lavar em sistema de self-service colocada na sala do meio do sexto andar.

Associado ainda a lides domésticas, não, ainda é cada uma que trata da limpeza do seu quarto, pode é cozinhar no r/ch já que a copa foi equipada, em 2002, com fogão, exaustor, e apetrechos necessários para que cada uma, ou em equipa, possam cozinhar o que entenderem e lhes apetecer.

O ginásio já pertence à história, em seu lugar instalámos a biblioteca (que receberá sempre com muito gosto as vossas publicações...) e uma sala de informática com fotocopiadora em regime de self-service. Ainda no primeiro andar, ao lado da grande sala de convívio, a sala que dantes era biblioteca é uma sala de estudo, de encontros...

Mais ainda: Internet sem fios acessível com facilidade entre a cave e o segundo andar, nos seguintes com mais dificuldade.

Grande novidade mesmo foi a remodelação de toda a cave em benefício das estudantes e, no fundo, de todas as que cá vivem e todos os que por cá passam.

Domus no século XXI

Em 2002 metemo-nos na “lúgubre” aventura de fazer obras na cave. O adjectivo é forte mas não chega para traduzir a má experiência que foi o processo de iniciar e levar ao fim um processo de obras; graças a Deus e a boas vontades, a obra está terminada e os espaços são amplamente usados.

Então a cave deixou de ser aquele lugar escuro, porventura misterioso, com salas de catequese, salas de arrumos, tanques de lavadouro como na aldeia, casa das batatas, com um cheiro misto de despensa, misto de drogaria, papel... sim eu sei que, também por essas características, servia às mil maravilhas para certas actividades nocturnas, nas quais se incluíram memoráveis noites de praxe... Esse espaço também já faz parte da história.

E agora? Se vierem cá ver com os vossos olhos será muito mais interessante...

Bem, agora a cave é, fundamentalmente, um espaço cheio de luz!

Ala sul (lado da Rua Diogo de Macedo) – duas salas de estudo/trabalho; uma com capacidade para 4 pessoas trabalharem em boas condições e uma grande sala onde, muito à vontade, se fazem três mesas de trabalho, onde já se organizou uma conferência com cerca de 40 pessoas (podem verificar nas fotos que ilustram o artigo da Marta Contente). No verão, para além da luz há a vantagem de serem espaços frescos. Ainda nesta ala há um espaço de arrumos e a oficina do Paulo e do Miguel (os dois manos, filhos do Senhor Vítor, que asseguram a manutenção da casa).

Ao meio: um amplo corredor com três grandes focos de luz que saem do chão!

Ala norte: uma sala de jantar com Kitchenette para a comunidade que trabalha no lar e que tem uma ampla janela rasgada para o jardim; a despensa e a drogaria; uma sala da administração também com uma grande janela para o jardim; duas casas de banho; instalações para as funcionárias; casa das caldeiras.

Já que falei de **jardim:** o jardim foi bastante “mexido” de forma a tornar-se um espaço agradável, para ser usado, e para ser mantido com bom aspecto ao longo do ano. As fotografias que constam deste boletim falam do jardim bem melhor do que eu.

Tudo isto para que as nossas estudantes possam usufruir de boas condições de estudo adaptadas às necessidades do presente – agora não falta por onde escolher! Como poderão imaginar, não tendo o lar quaisquer subsídios, passando pelo contrário, com a nova Concordata, a pagar impostos que antes não nos tocavam... e com as obras realizadas, financeiramente temos de encarar o investimento feito numa linha de rentabilização. Daí que... não está fora das nossas perspectivas rentabilizar o espaço das salas e do jardim; isto é, em vez de alugarem uma sala para uma reunião, para uma acção de formação, se quiserem um espaço para uma festa de anos no jardim... por que não propor à Domus uma utilização dos espaços disponíveis? Ah... no hall existe uma máquina distribuidora de bebidas quentes.

Domus no século XXI



Mas e quem trabalha nesta casa?

A Comunidade Domus Nostra constituída pelas seguintes Filhas do Coração de Maria:

A Maria Joana Cordeiro, que é a Directora, a Maria Adelaide Montes, que é a superiora da comunidade, a Dona Alda Gil, a Maximina Albuquerque, a Carla Cazeiro e a Cristina Nunes.

A Maria Helena Caldeira, FCM da comunidade de Lisboa, (a viver no mesmo edifício do outro lado do

elevador), assegura a dinamização da biblioteca com a colaboração de estudantes da casa.

Equipa de colaboradores sem os quais a Domus não anda:

Na cozinha e copa: a Angelina, a Cristina, a Tina, a Vina, a Cidália e a Filomena.

Nas limpezas e lavandaria (para a casa): a Tânia, a D. Deolinda, a D. Teresa e algumas do grupo anterior.

No PBX/recepção: a Tina, a Maximina, a Dona Júlia, alguns membros da comunidade e frequentemente estudantes que prestam este serviço como part-time.

Manutenção: Paulo e Miguel Lopes.

Acrescentem-se todos os outros fornecedores e técnicos de vária natureza que dão assistência à casa.

Já agora... **o terraço** continua a ser um espaço lindo e único: uma varanda aberta sobre Lisboa, quer com a brisa da manhã, quer ao entardecer com a luz a colorir Monsanto, à noite coberto pelas estrelas e pelo luar, nos dias de céu limpo a permitir vislumbrar a Arrábida, sempre um espaço de encontro com o Hospital de Santa Maria, com o Estádio de Alvalade com a cidade, com a faculdade, com as saudades, com os afectos...

Ficamos por aqui, esperamos a vossa visita. Esta foi e é também a vossa casa, e voltar a casa faz bem.

Eva Santos

DURA PRAXIS SED PRAXIS

Todos os anos vem nova remessa!!! São como as colecções Primavera/Verão e Outono/Inverno!!! A variedade é grande e fica à escolha do freguês!!!

Qual prefere?

Temos loiras, morenas e até se arranjam ruivas! Altas ou baixas... anafadinhas ou lingrinhas! Das Ilhas, do Norte, do Sul, e até, imagine-se, do Centro!!

É o delírio!!! São as CALOIRAS!!!

Caloira é a designação dada a toda a criatura que dê entrada na faculdade e/ou na Domus Nostra pela primeira vez! Não tem vontade própria ou liberdade de actuação sendo que o único direito que lhe assiste, eu diria mesmo, privilégio, é o de SER DOMUS NOSTRA!!

Ao longo de um ano a caloira está dependente do capricho de qualquer Veterana. STOP

Falemos das VETERANAS....

Assume o estatuto de Veterana toda aquela que seja Domus Nostra há pelo menos três anos, ou seja, que já faça parte da "móvel da casa". Dotadas de poder, as veteranas têm legitimidade para praxarem as caloiras. STOP novamente!!!

PRAXE... palavra de origem grega que significa prática.

Na Domus, a praxe é considerada uma forma de integração de caloiras... (estranha dizem elas!!!...)

O ritual da praxe inicia-se com o Baptismo, passa pela praxe de quarto e termina com o Tribunal. Durante este tempo as caloiras cantam, dançam, pintam e realizam toda e qualquer actividade que tenha sido proposta (entenda-se imposta!) por qualquer Veterana!

- Caloira, o tabuleiro?!? Caloira, a água?!? Caloira, o babete?!? Caloira, pelas escadas?!? Caloira, a capital da Beira Alta é...??? E o maior clube português....?!?

Ca.....loi.....ra..... olhos no chão!! As caloiras desesperam...

- Mãeeeeee, tira-me daqui!! Estas "tipas" são arrogantes, mandam fazer montes de coisas e até temos recolha obrigatória às 11 da noite! Achas norma?!?!

- Então e as freiras não dizem nada?!? (mãe chocada)

- Nada mãe, nada!! Estas freiras não são como as "normais"! Eu bem te disse!!! (filha desesperada!!!)

- Tu vê lá, filha, se continuar assim telefono para a directora!!! (mãe-galinha!!!!)

As Veteranas divertem-se...

- Viste o ar das caloiras?!? Sou tão má!

- Amanhã cantam o hino de Viseu ao jantar!!!

E no final das Praxes...

As caloiras..... pedem mais!!!

E as Veteranas..... querem descanso!!!!

Ficha de Inscrição na Associação

ADN

Ficha de Associada Nº _____

Nome: _____

Morada: _____

—

Telefone: _____

Telemóvel: _____

E-mail: _____

Data de nascimento: _____

Curso: _____ Profissão: _____

Local de Trabalho: _____ Filhos: _____

Domus Nostra:

Data de entrada: _____

Data de saída: _____

Quartos: _____

Se ainda não é sócia da ADN, preencha este boletim e envie-nos! Ajude-nos a actualizar a nossa Base de Dados de antigas residentes!

A ADN agradece!

Ficha Técnica

Boletim ADN

Publicação Anual

Coordenadora: Isabel Seara

Equipa Redactorial:

Ana Cruz
 Andrea Viegas
 Eva Santos
 Isabel Sampaio da Nóvoa
 Isabel Seara
 Maria Joana Cordeiro
 Mané Ferreira
 Marta Contente
 Mena Jacinto

Grafismo: Ana Margarida Morgado

Ana Rita Santos
 Sónia Pedro



Residência de Estudantes Universitárias

Rua Diogo de Macedo, nº3
 1600 - 055 Lisboa